

Diário de Pernambuco

12 de julho de 1992.

### Grupo pesquisa sons de outro mundo

Parapsicólogos do Recife estão trabalhando com transcodificação: os ruídos dos universos paralelos

Captar vozes ou simples ruídos de outros mundos é a pesquisa que vem sendo realizada por uma equipe do Instituto Pernambucano de Pesquisas Psicobiofísicas — IPPP, sob a orientação do parapsicólogo Walter Rosa Borges, considerado um dos mais sérios e respeitados do país em sua especialidade. Esse trabalho despertou algum interesse dos investigadores pernambucanos há seis anos, mas só agora é retornado de forma sistemática.

Tecnicamente chamada de "transcodificação", a escuta de sinais de outros níveis de existência é um trabalho paciente e metódico, conforme explica o professor Rosa Borges. No Brasil, os trabalhos mais conhecidos são de Hilda Hirt, que chegou a apresentar gravações de supostas vozes de pessoas já mortas em alguns programas de televisão.

Nosso projeto inclui a construção de uma câmara de vácuo para colocação de gravadores inteiramente isolados de ruídos. Desse modo, qualquer som eventualmente captado não poderá ser confundido com sons comuns", diz o pesquisador.

A transcodificação, apesar de difícil, é uma área recente e das mais fascinantes da parapsicologia atual. Defendida algum tempo por um grupo de parapsicólogos, ela foi buscar na física quântica argumentos técnicos para viabilizá-la. Dentro da linha defendida por Walter Rosa Borges, o trabalho em realização no IPPP não está voltado para contatos com espíritos de pessoas já falecidas ou mensagens de civilizações extraterrestres. A intenção é captar sons produzidos em outro nível de existência ou talvez, num patamar paralelo da matéria formal algo como os universos paralelos já admitidos pela ciência atual como existindo simultaneamente ao nosso numa quantidade ainda não estabelecida — alguns físicos falam de 20, outros de 110, alguns de um número infinito.

"Temos de caminhar com muita paciência e, acima de tudo, critério científico", pondera o presidente do IPPP. Que, pelo seu trabalho desenvolvido em mais de 20 anos, acaba de ser eleito presidente nacional da entidade de parapsicologia que considerou Pernambuco, no momento, o centro de pesquisas mais importante do Brasil nessa área. "Lidamos com muitas dificuldades, pois não dispomos de instrumental sofisticado e sofremos uma carência crônica de recursos. Custeamos nossas pesquisas com sacrifício pessoal, com toda a equipe empregando muito do seu tempo por puro amor ao conhecimento." Conforme a norma rígida seguida até hoje por Rosa Borges, ele não afirma se há, ou não, universos paralelos ou se é possível captar no nível de existência humana vozes de pessoas já mortas num entrecruzamento entre matéria e não matéria. Apenas investiga, armado com um ceticismo implacável e preparado para desmascarar qualquer mistificação ou identificar possíveis erros de interpretação. Tanto é assim que diz ter conseguido captar, já alguns ruídos estranhos, "algo como um arrastar, um arranhar de alguma coisa", mas não se anima a emitir qualquer opinião otimista.

"Há muito trabalho pela frente. Esse campo de pesquisa, realmente fascinante, ainda é recente e precisamos reunir bastante informações para chegarmos a alguma conclusão", observa ele.

A transcodificação é uma das novas linha de pesquisa do IPPP. Seu presidente é de opinião que as formas tradicionais de procurar o paranormal estão superadas e já não oferecem muitas novidades, pois estabeleceram apenas que há de fato poderes e aptidões adormecidos nos seres humanos e que podem ser dominados quando desmistificados. Outro trabalho em andamento é a captação dos processos paranormais em sessões espontâneas e não programadas. onde os sujeitos da pesquisa não serão obrigados a se submeter a qualquer norma ou metodologia e nem mesmo ficarão sob obrigação de exibir seus dons.

"Nosso objetivo, com isso, é identificar os processos naturais da paranormalidade em situações normais. tirando da pesquisa aquele caráter de exibição, às vezes capazes de provocar inibição ou de falsear todo potencial do dom porventura existente", define Rosa Borges.

## CREDIBILIDADE

Absurdo é normal para ciência

Manoel Barbosa

Falhas no "tecido da realidade, fissuras momentâneas que nos permitem um breve vislumbre da ordem imensa e unitária subjacente a tudo na natureza", é como o físico F. David Peat explica alguns fenômenos inexplicáveis de contato entre o que Michael Talbot (ver o livro Universo Holográfico, Editora Best Seller, preço Cr\$ 53.000,00) chama de a sintonia humana e "outras frequências". Tecnicamente, para os físicos quânticos, não é mistério algum entrar em contato com outra realidade. Priban, um neurofisiólogo, e Bohm, um físico quântico altamente politizado, acham que o cérebro e o universo funcionam como hologramas onde cada parte contém o todo. Logo, irrealidade contém realidade, como no claro está o escuro potencial, a dor está no prazer e o negativo é o positivo invertido.



Rosa Borges: seriedade para desmistificar a paranormalidade no Brasil

Nada espantoso, pois, com as tentativas de Walter Rosa Borges e seu grupo de captarem vozes e sons de outros mundos. Grof, em suas pesquisas com LSD, vê a realidade humana como uma espécie de aventura sensorial em meio a uma enxurrada de eventos — o universo. A realidade — ou as realidades de cada um, tidas também como ilusões ou delírios holográficos nada diferentes das tão em moda realidades virtuais — é um vórtice. Ou uma cadeia de redemoinhos. Grof, que é psicólogo transpessoal, e sua mulher Cristina, desenvolveram uma técnica baseada no virtualismo das realidades bizarras discernidas em pacientes sob efeitos do LSD a que chamaram "terapia holotrópica". Trata-se, em resumo, de um treinamento para

habilitar as pessoas a transitar sem maiores transtornos pelas suas múltiplas realidades, permitindo-lhes idas e voltas pacíficas e toleráveis — e isso seria, na verdade, pacificar o terror esquizofrênico e harmonizar, como queria Laing, o suposto louco com sua loucura.

Espantosas, sim, são as pesquisas do professor de Ciências Aeroespaciais da Universidade de Princeton Robert G. Jahn, citado por Talbot em seu trabalho. Antigo consultor da NASA e do Departamento de Defesa norte-americano, autor de importantes trabalhos na população do espaço profundo, esse cientista, em colaboração com Brenda Dunne, enveredou pela pesquisa paranormal depois de constatar uma espécie de lei na anormalidade. Ele chegou a alguns conceitos parecidos com os de Bohm, Priber e outros físicos quânticos quanto à natureza da realidade e da matéria. Por exemplo: segundo o entendimento de Jahn, a consciência humana seria um padrão, um fluxo — como um laser — com a propriedade de produzir um holograma — a realidade ou as realidades — quando em cruzamento com outros padrões de frequência, o que ocorre a todo momento. Estaríamos, dessa forma, a produzir centelhas de realidade em meio ao caos de confrontos de padrões.

Esse pensamento caminha para um conceito maior: nada existe isoladamente, todas as idéias e teorias seriam apenas meras metáforas, as partes são apenas núcleos de informação bits do Grande Todo. No lugar de elétrons, prótons, nêutrons, quarks e toda uma infinidade de subpartículas, sistemas. Tudo se cruzando num Agora infinito. Então, seguindo essa linha de raciocínio da moderna ciência, conclui-se que o universo é um Todo composto por informação maciça, inter-relacionada, sistêmica, interligando-se em frequências variadas, onde Morte/ Vida, Ser/ Não Ser. Existência/ Não Existência e Fim/ Começo são alguns dos vórtices das frequências infinitas.

Quando Walter Rosa Borges e seus companheiros tentam captar sons não produzidos em nosso universo material estão apenas tentando sintonizar uma dessas frequências, no caso usando o espectro eletromagnético. Há quem considere o método rudimentar e veja no cérebro humano — desde que devidamente capacitado, silenciado, livre das inquietações e apegos — um instrumento muito mais eficiente para captar essas frequências. Grof suspeita que está adormecida na consciência humana toda história do universo — e não é por mera coincidência que as filosofias orientais buscam exatamente o "despertar", pois é esse o caminho para a descoberta da verdade.